

**“OLHADOS E QUEBRANTES, COM DOIS TE BOTAI COM TRÊS EU TE TIRO”:
Práticas culturais e catolicismo popular no cotidiano das Rezadeiras**

Alaíze dos Santos Conceição¹.

RESUMO:

A comunicação presente visa refletir acerca de algumas práticas culturais que permeiam o cotidiano e/ou universo religioso das Rezadeiras do município de Governador Mangabeira, levando em consideração a presença do catolicismo (re) significado, tido como popular, um misto das contribuições do catolicismo europeu associado a contribuições das populações afro-brasileiras. Assim, pretende-se investigar de que maneira o apego religioso pôde contribuir para pensarmos na formação identitária das Rezadeiras.

PALAVRAS – CHAVE: Rezadeiras; Catolicismo popular; Práticas culturais.

RESUME:

Cette communication a pour objectif de réfléchir sur certaines pratiques culturelles qui font partie du quotidien et/ou de l'univers religieux des guérisseuses de la municipalité de Governador Mangabeira, et prend en considération la présence du catholicisme resignifié, tenu comme populaire, um mélange des contributions du catholicisme européen associé à celles des populations afro-brésiliennes. Ainsi, on se propose de rechercher de quelle manière la dévotion religieuse peut contribuer à la formation identitaire des guérisseuses.

MOTS-CLÉS: Guérisseuses; catholicisme populaire; pratiques culturelles.

As Rezadeiras do Recôncavo baiano, mulheres negras e integrantes das camadas populares, são detentoras de saberes que remontam notável contribuição africana, sobretudo quando levado em consideração aspectos da religiosidade e práticas culturais. Concentram-se sobre sua égide ensinamentos e práticas de cura eficazes para intervir nos desequilíbrios corporais e espirituais dos membros da comunidade. As Rezadeiras deixam transparecer em seu cotidiano o caráter somático das religiões tradicionais africanas ao agregar devoções, práticas religiosas e celebrações que conseguem abranger características negras, indígenas e européias. Tais povos comungaram de um mesmo espaço físico (território), a partir do Brasil colônia, externalizando e fazendo circular práticas culturais provenientes das diferentes concepções de mundo.

Os portugueses, por exemplo, logo que aqui chegaram objetivaram transpor parte dos elementos culturais vigentes na Europa para o Brasil, interessados em transformar a colônia numa extensão territorial européia, no qual os elementos religiosos e simbólicos, bem com a organização social deveriam remeter a seus apegos organizacionais. Contudo, na prática, o que se verificou foram outros acontecimentos, os portugueses se depararam com

¹ Mestranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. E-mail: alaizesantos@yahoo.com.br.

demonstrações de resistência indígena e posteriormente resistência africana ao ignorar as diversas concepções culturais já existentes.

Os ameríndios e africanos possuíam concepções culturais que zelavam o mundo natural e as diversas entidades sobrenaturais, o que se contrapunha ao mundo “pré-moldado” e “ortodoxo” ao qual os lusitanos faziam parte. A importância que diversos elementos advindos da natureza possuíam, sobretudo nas religiões tradicionais africanas, recebiam interpretações depreciativas na concepção portuguesa acarretando diversos conflitos. O sociólogo francês, pesquisador das religiões africanas, Roger Bastide assinalou com bastante precisão tal fenômeno: “O branco não podendo compreender uma religião tão diferente da sua, julgava-a ‘demoníaca’ já que não era cristã.” (BASTIDE, 1985, p.128).

Em meio às tentativas de sufocar as celebrações do mundo africano, os portugueses elaboraram estratégias para manter o controle daqueles cultos, inclusive em diversos momentos os africanos percebendo tal intencionalidade também se faziam de “rogados” e tiravam bom proveito da situação. O processo de adoração aos santos católicos e virgens negras e a (re) significação implantada pelos africanos, podem ser considerados como nítido exemplo da (re) interpretação da população afro-brasileira na tentativa de manter vivo elementos integrantes de suas práticas culturais.

Esses fatores bem indicam que o culto de santos negros ou de virgens negras foi, de início, imposto de fora ao africano, como uma etapa da cristianização, e que foi considerado pelo senhor branco como meio de controle social, um instrumento de submissão para o escravo. (BASTIDE, 1985, p.163).

Os portugueses acreditavam que podiam controlar os passos dos africanos, e estes – por sua vez – se utilizavam dessas brechas para preservar as diversas celebrações de seus guias e orixás que de maneira inteligente puderam servir nas “associações” aos santos católicos, através das trocas culturais, servindo para manter a ordem e as aparências cobradas pelos portugueses.

O apego ao mundo natural e as divindades sobrenaturais, faziam as populações negras não aceitarem o catolicismo da forma ortodoxa e pré-moldada que os portugueses insistiam em representar, mas em meio a presença marcante desses diversos elementos culturais poderia ter nascido um catolicismo mais “popular” ligado às camadas afro-brasileiras da população. Um misto do mundo indígena, negro e português.

Em se tratando de Recôncavo sul baiano, podemos identificar a presença marcante desse “emaranhado de crenças, saberes e práticas em que ritos originários dos índios, dos negros se interpenetraram ao catolicismo e às tradições mágicas religiosas européias, aumentando a riqueza e a complexidade de tais práticas” (SANTOS, 2005, p.75). Este é o

caso, por exemplo, das Rezadeiras, curandeiros, raizeiros, mandigeiros, dentre outros que ainda hoje habitam o Recôncavo e colocam em prática o exercício das benzeções, curas ou receituários provenientes dessa longa tradição.

É considerando justamente essa heterogeneidade cultural que se faz presente em diversos espaços do país, que o artigo pretende se debruçar, para tanto se faz necessário levar em consideração as diversas contribuições desses povos e pensar de que forma diversas práticas culturais puderam contribuir na formação identitária das Rezadeiras do Recôncavo sul baiano.

“CATOLICISMO POPULAR”

Desde a colonização brasileira o catolicismo foi declarado religião oficial, não admitindo, portanto, a existência, de qualquer outra prática religiosa. O catolicismo que se implantaria no Brasil procuraria se caracterizar como o catolicismo presente no mundo europeu, uma religião ortodoxa sem grandes flexibilidades.

Contudo, a presença dos elementos religiosos dos ameríndios, juntamente com as concepções religiosas dos africanos, proporcionaram a formação de outro catolicismo paralelo aquele desenvolvido na Europa: *o catolicismo popular*. Entende-se por catolicismo popular:

O conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesiástica para serem adotados pelos fiés. Concretamente chamamos provisoriamente ‘catolicismo popular’ as representações e práticas relativas ao culto dos santos e à transação com a natureza e não os sacramentos e a catequese formal (RIBEIRO OLIVEIRA, 1985, p.113).

As celebrações vindas do catolicismo popular admitem a intercessão de outros indivíduos que não precisam ser necessariamente padres ou representantes da igreja e apresenta grande aproximação com os elementos da natureza como a utilização de plantas, banhos e chás. Tais práticas muito têm em comum com a religiosidade indígena e afro-brasileira.

No catolicismo popular, existe um apego muito grande aos santos, cujas representações transcendem ao mundo material. São seres dotados de poderes sobrenaturais, capazes de exercer influências sobre o mundo natural e espiritual (RIBEIRO OLIVEIRA, 1985). O catolicismo popular possibilita a veneração de diversos santos: os canonizados oficialmente,

os santos populares e os santos locais que possuem relativa significância em espaços limitados, haja vista o não reconhecimento da igreja.

O fato dos santos estarem no céu não impedem sua intercessão, muito menos suas representações no cotidiano das pessoas. Eles podem se fazer presentes através da devoção intercedida pela representação simbólica da imagem. A presença da imagem do santo no catolicismo popular representa o possível contato direto entre os devotos e o santo, sem haver a necessidade de intercessão de um membro religioso. Os santos são acessíveis a todos os fiés. (RIBEIRO OLIVEIRA, 1985, p.117).

As Rezadeiras demonstraram grande afeição à figura dos santos, fazendo questão de demonstrar de forma prática sua eficácia e revelaram possíveis intervenções que determinados santos puderam fazer em suas vidas.

Elas são consideradas sujeitos históricas que estão inseridas no âmbito do catolicismo popular e pratica diversos ensinamentos herdados desse catolicismo alternativo, ajudando a preservá-lo. A realização de uma súplica religiosa, por exemplo, intercedida pela figura da Rezadeira, tende a possibilitar novos vínculos de propagação da fé quebrando a visão conservadora dos pedidos serem sempre intercedidos por membros eclesiásticos, a saber, do padre. Veja o depoimento da Rezadeira Celinha: “Eu tô viva abaixo de Deus, com a força e a fé, eu já sofri! Já cuidei de tanta gente... Nossa alegria é nossa oração, vai pra igreja, tudo na igreja, mas a gente pode fazer nossas oração dentro de casa.”

A sr^a Celina embora tenha tido uma vida muito ativa ao freqüentar a igreja católica, mesmo assim reconheceu a importância e eficácia da reza, independente do espaço que a mesma poderá ser executada. Ainda hoje, a Rezadeira Celina possui um altar em sua casa com diversos santos: Cosme & Damião, Rita de Cássia, São Pedro, Santo Antônio, São José, Nossa Senhora Aparecida, Santo Expedito etc e ela insiste em dizer que faz suas orações para todos eles e por isso se sente muito abençoada e protegida, mesmo que não possa freqüentar a igreja como fazia antes. Segundo ela, mais importante que está sempre presente nas celebrações da igreja, é estar em dias com as orações.

As Rezadeiras que vivenciam esta atmosfera de crença parecem não atentar para a existência dessas duas modalidades de catolicismo, o popular e o oficial, simplesmente comungam desses dois universos religiosos sem restrições, daí o caráter inclusivo das concepções de mundo presentes entre elas. A Rezadeira Neném contribuiu sobre o assunto com o depoimento:

Sou católica. Credito em tudo que é passado em minha igreja eu credito. Quando não vou lá em baixo, eu vou aqui ó (fazendo menção a igreja de São Benedito). Tanta igreja, eu vou no Gravatá, vou no Bonsucesso. Dia de Domingo quando não tô com as pernas cansadas vou lá fazer visita dele. Quando to em Salvador, eu vou

*no Bonfim, aquele do Cristo Redentor é perto. Aquela que tem junto da praia,...
Conceição da Praia é tudo perto da casa de meus filhos.*

Ao mencionar tão enfaticamente sua atuação enquanto católica, a sr^a Neném se demonstrou bastante orgulhosa pela escolha feita, fazendo questão de elencar os diversos espaços religiosos que costuma frequentar.

Contudo, nesse campo de crenças religiosas (re) significadas por negros, índios e europeus, as Rezadeiras, trazem em seu cotidiano amostras desses imbricamentos culturais e elementos presentes na natureza como as ervas, banhos e chás, que foram utilizados também no intuito de levar tranqüilidade àqueles que precisavam. Pensar no encontro de culturas diferenciadas, requer que consideremos as trocas culturais existentes no processo, ao tempo em que devemos atentar para esses empréstimos recíprocos como possibilidade de enriquecer as práticas culturais dos povos, muitas vezes contribuindo para o surgimento de concepções culturais híbridas, como bem assinalou o historiador Peter Burke (2003).

Quando levado em consideração o imbricamento cultural religioso, a rezadeira Merú assim que perguntada acerca de sua formação religiosa relatou: “Sou católica, tenho devoção a santo, Santo Antônio. Sete flecha, D. Oxum, a princesa do mar, todos orixá.”

O depoimento deixa evidente essa interpenetração cultural, pois a Rezadeira se autodenomina católica, justamente pelo caráter flexível que concebe a religião, fruto, sobretudo da incorporação das diversas concepções culturais. A fluidez a qual a sr^a Merú assinala com relação aos seus devotos “Santo Antônio”, santo reconhecido pela igreja católica, Sete flecha, o caboclo e Oxum, orixá das religiões tradicionais africanas ou do Candomblé brasileiro, nos leva a acreditar que o “sincretismo é fluído e móvel, não é rígido e nem cristalizado” (BASTIDE, 1985, p.370). A interpenetração cultural defendida por Bastide (1985) assinala essas aproximações entre os diversos elementos religiosos.

A possibilidade de a sr^a Merú poder ser devota do santo católico, do caboclo e do orixá do Candomblé ao mesmo tempo, revela aspectos religiosos existentes entre as religiões tradicionais africanas, na qual zela pela inserção de novos elementos culturais e ao contrário da cultura ocidental, não separa elementos culturais nem religiosos, mas inclui, somando novos símbolos e ritos. Portanto, nessa visão de mundo, é possível sim, a Rezadeira ser católica e ao mesmo tempo resguardar práticas dos cultos afro-brasileiros, sem nenhum problema.

A Rezadeira Neném relatou uma situação vivida, para justificar sua devoção a São Benedito. Segundo ela, seu Marido Ovídio ao cometer adultério começou a maltratá-la e aos

seus filhos. As súplicas ao santo Benedito, bem como a promessa feita no momento de angústia, tornou-se de fundamental importância para alcançar a graça:

Ai,... Ovídio deixou a casa, ranjou uma mulher e foi morar com a mulher ,...e tinha um senhor e uma senhora de junto de mim, era muito minha amiga ai disse: Isso não foi a toa(é não sei) o que não sei o quê! Vamo lá em Cachoeira (...).

E lá vai, lá vai...quem me valeu foi São Benedito, viu, foi São Benedito que me valeu, não precisou ir em lugar nenhum. Tinha festa lá de São Benedito qui quando deu 6 horas eu juelhei pro lado dele e pedi: Oh! Meu São Benedito que vóis me ajudar que cumpade Luís bote Ovídio dessa fazenda pra fora , pra ele procurar outro trabalho, eu sou devota de vóis enquanto vida eu tiver. Quando cabou a festa de São Benedito, cumpade Luís chegou lá e disse: Seu Ovídio, eu sou seu cumpade, mas não quero o Senhor aqui mais não. O senhor procure seu lugar, que eu ajudo a comprar, mas a fazenda quem vai tomar conta sou eu.

(...) a gente com fé em Deus, pede e vê mermo (...) O santo vale rapaz, quem quiser acreditar, acredita! Nessa eu nasci, nessa eu morro! Não tem quem me faça sair!

A narrativa de sr^a Neném assinala com precisão a eficácia da intervenção dos santos protetores, devoção esta de suma importância para o retorno do marido para casa. Segundo ela, as súplicas associadas à fé de alcançar o pedido desejado bastaram para ser atendida. Nesse caso, insinua que resistiu ao apelo da vizinha que queria levá-la para uma casa de candomblé e resolver o problema na cidade de Cachoeira, cidade esta bastante conhecida pela quantidade de terreiros existentes. O depoimento também nos possibilita compreender a veneração aos santos e virgens negras ao qual Bastide faz alusão em seu livro: *As religiões Africanas no Brasil* (1985).

Desse modo, nota-se que uma vida intercedida por santos protetores tende a assegurar a estabilidade cotidiana das Rezadeiras, nesse caso, os santos equivalem a personificação das forças sagradas entre os seres humanos.

Ainda no que concerne a esse universo religioso, notou-se o apego das Rezadeiras ao São Cosme e São Damião, são santos católicos com grande receptividade entre as camadas afro-brasileiras do Recôncavo baiano. No “sincretismo religioso”², os santos foram “associados” aos Ibejís, divindades gêmeas do Candomblé. Apesar do catolicismo oficial venerar a figura de Cosme e Damião como santos adultos e que dedicaram a vida a praticar a medicina caridosa, os mesmos santos “correspondem” a entidades infantis nos cultos afro-brasileiros, e é justamente dessa maneira que Cosme e Damião são venerados pela maior parte de seus devotos: os santos meninos.

² A utilização do termo sincretismo religioso no parágrafo, pode ser justificada pela necessidade encontrada em relatar como se deram as primeiras concepções conceituais acerca das trocas culturais existentes no Brasil, desde a colonização. Entretanto, é inegável que tal conceito é rebatido por diversos estudiosos das religiões, sobretudo por entenderem que o conceito “sincretismo” trata-se de uma nomenclatura de cunho etnocêntrico, tendo em vista a notória tentativa de sobreposição de elementos culturais europeus, em contraposição aos africanos.

Diante desse universo devocional ainda podemos notar o envolvimento das Rezadeiras nos festejos aos santos gêmeos (São Cosme e Damião) e a popularidade que estes têm. Indiretamente, a forma pela qual existe a veneração dos santos gêmeos, nos remete a elementos presentes nos cultos afro-brasileiros e que historicamente foram incorporados ao catolicismo através das trocas culturais. (LIMA, 2005) Entretanto, algumas demonstraram certo menosprezo em reconhecer as possíveis origens da benzeção, bem como se demonstraram um tanto quanto taxativas ao relegar para segundo plano as religiões que descendem dos africanos. Nesse sentido, a sr^a Celininha afirmou: “Rezo de tudo minha fiá, com os poderes de Deus! Meu corpo ta doente, mas minha mente não! Tenho amigo do Candomblé, mas não sou do Candomblé! Sou católica, acredito nas forças da Virgem Maria. A gente tem que escolher um caminho só!”

A fala deixa transparecer uma ligeira recusa da Rezadeira Celininha a manter relações de aproximações com o Candomblé, o que segundo ela desvia por completo da opção religiosa que faz parte: o mundo católico. Ela admite relativas aproximações com os freqüentadores dos cultos afro-brasileiros, entretanto está segura do “caminho” que escolheu.

Assim como Celininha, outras Rezadeiras se demonstraram reticentes aos cultos afro-brasileiros, sobretudo quando interrogadas se conheciam ou acreditavam na sua eficácia. A Rezadeira Teka demonstrou opinião parecida com a da sr^a Celininha acerca dos cultos afro-brasileiros: “Não credito nesse negócio de Candomblé! Eu... Credito em Deus. Nunca fui nesse lugar, desde pequena acho que esse negócio não bota ninguém a frente. O povo (...) tudo atrasado! A gente crê em Deus, é quem nos vale e não essas coisas!”

Nota-se a repulsa da sr^a Teka ao falar do Candomblé, entretanto não devemos esquecer que essa visão preconceituosa acerca dos cultos afro-brasileiros foi historicamente construída como mais uma estratégia do mundo europeu em sempre associar a cultura negra a atributos pejorativos. Prova desse processo é justamente o repúdio que determinadas pessoas atribuem ao Candomblé sem ao menos visualizar alguns elementos básicos que o compõe. Trata-se de estereótipos erguidos e que sobrevivem até hoje.

Ora, apesar de algumas Rezadeiras possuírem concepções conservadoras acerca dos cultos afro-brasileiros, todas elas demonstraram grande afinidade ao São Cosme e Damião e os festejos existentes nas celebrações dos santos gêmeos. São Cosme e Damião são tão presentes na vida das Rezadeiras que careceram de atenção especial, os santos gêmeos conseguiram adentrar nesses espaços da cultura popular com relativa facilidade: “O São Cosme era de meu pai, mas eu era uma filha tão amada de pai que ele já tava velhinho, ele me entregou o São Cosme que eu adoro desde mocinha,...” (Depoimento da sr^a Celininha)

A relação estabelecida entre a sr^a Celinha e o São Cosme foi feita antes mesmo de seu nascimento, pois a devoção de seu pai remontava longa data. Assim, o vínculo entre o santo era de cunho familiar e de aliança, na qual existia uma relação permanente de devoção e proteção entre eles, membros da família. As celebrações feitas em homenagem aos santos gêmeos existiam de maneira incondicional e não por razões de promessas ou pedidos de favores. O São Cosme deveria proteger a família da sr^a Celinha independente das solicitações.

Observa-se ainda que o culto aos santos gêmeos é justificado por diversos motivos e razões. A Rezadeira Teka iniciou o culto aos santos por ter tido netas gêmeas e na busca pela saúde de suas netas e proteção, resolveu ofertar o caruru como possível forma de selar aliança com os santos. No caso da sr^a Neném, ela foi aconselhada a fazer a oferta do caruru a fim de “abrir seus caminhos” e ter mais prosperidades na vida. Vejamos o que informou a Rezadeira Neném:

O negócio é pegar,... não podia dormi de noite, aquele negócio, aquele sono na minha frente,... Ai eu fui lá em Carmelita, ela mandou eu fazer! que eu fizesse o caruru ficava bom. Ai eu comecê fazer, fiz até sete ano, de sete ano eu parê porque Ovídio morreu, quem era a cabeça era Carlinhos, morreu também,... a vida miorou, miorou sim!

Após a realização do caruru a sr^a Neném diz que realmente as melhoras foram obtidas, assegurando os bons resultados. Segundo ela bastou somente agradecer os santos, que logo eles puderam interceder em sua vida e promover melhoras. Ainda no depoimento a sr^a Neném mencionou a sr^a Carmelita que para algumas pessoas se tratava de uma médium que dava orientações espirituais. As Rezadeiras concebem a existência de um vínculo eterno, entre elas devotas e o santo, não podendo haver o rompimento da aliança firmada, pois se caso venha a acontecer, as mesmas estariam sujeitas a possíveis cobranças.

Nesse sentido, ao que parece, ao nos referimos à religiosidade das Rezadeiras devemos nos preocupar em não cometer generalizações, pois o mundo das benzeções é por demais amplo e complexo, podendo abarcar diversas concepções culturais a depender do indivíduo participante.

Para Burke (2003), em seus estudos acerca do hibridismo cultural, ao nos defrontarmos com que possivelmente diz respeito a duas tendências culturais distintas, não devemos ter a falsa impressão, muito menos devemos tentar entendê-la de forma separada, pois “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um continuum cultural” (BURKE, 2003, p.16).

Portanto, no contexto das benzeções definir até que ponto o culto aos santos gêmeos trazem elementos do mundo afro-brasileiro ou do catolicismo popular é uma empreitada difícil de resolver, contudo dentro desse universo é possível identificar elementos presentes nessas duas tendências culturais. Ora a rezadeira tida como católica recorre a uma médium – denominação mais amena, para muitas depoentes, que curandeira – ora frequenta assiduamente as igrejas católicas.

FONTES ORAIS:

Aumerinda Conceição Rodrigues. Apelido D. Merú. 59 anos de idade. Lavradora e charuteira em exercício da profissão. Rezadeira, nascida no Município de Governador Mangabeira, atualmente reside nesse mesmo município. Data de nascimento: 20/07/1946. Entrevista em 11/07/2007.

Celina de Jesus Neris. Apelido D. Celinha. 84 anos de idade. Charuteira aposentada. Rezadeira, nascida na cidade de Bonfim de Feira de Santana. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 15/05/1923. Entrevista em 06/12/2006 e 10/07/2007.

Francisca Santos Oliveira. Apelido D. Neném. 73 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira, nascida em Laranjeiras, zona rural do Município de Governador Mangabeira. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 08/02/1934. Entrevista em 26/04/2007 e 14/07/2007.

Maria Custódia Cerqueira da Silva. Apelido D. Teka. 73 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira, nascida em Queimadas, zona rural do Município de Governador Mangabeira. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 24/07/1934. Entrevista em 29/04/2007.

REFERÊNCIAS:

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: Contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. Tradução: Maria Eloísa Capellato e Olívia Krahenbuhl. 2ªed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo um estudo sobre religião popular*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo – RS: Unisinos, 2003.

DIAS, Maria Rosália Correia. *Por uma compreensão do conceito de gênero*. In: CARVALHOS, Tereza Cristina Pereira Fagundes (org.). *Ensaio sobre Identidade e gênero*. Salvador: Helvécia, 2003.

FENELON, Déa Ribeiro. *Cultura e história social: historiografia e pesquisa*. In: Projeto história: Revista do Programa de estudos pós-graduados em História e do departamento de história da PUC-SP. São Paulo – SP, 1981.

FERREIRA, Marieta Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

LIMA, Vivaldo Costa Lima. *Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África*. Salvador: Corrupio, 2005.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OPOKU, Kofi Asare. *A religião na África durante a época colonial*. In: BOAHEN, A. Adu (coord). *História geral da África*. Vol.VII. *A África sob dominação colonial, 1880-1935*. São Paulo: Ática, 1991.

SANTOS, Denílson Lessa dos. *Nas encruzilhadas da cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas*. Santo Antônio de Jesus, Recôncavo Sul - Bahia (1940-1980). Dissertação de Mestrado. Bahia. UFBA, 2005.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORRES, Cláudia Regina Vaz. *Sobre gênero e identidade: Algumas considerações teóricas*. In: CARVALHOS, Tereza Cristina Pereira Fagundes (org.). *Ensaio sobre Identidade e gênero*. Salvador: Helvécia, 2003.